

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM RELATO DAS EXPERIÊNCIAS NA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DO MUNICÍPIO DE GUANAMBI-BA

Rilda Rejane Batista de Castro¹

Andréia Magalhães de Brito²

Luiz Humberto Rodrigues Souza³

Resumo: Este trabalho objetiva elucidar as experiências concretizadas no estágio supervisionado, com alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de Guanambi/BA, a partir da temática jogos e brincadeiras. Os jogos e brincadeiras fazem parte de nossas heranças culturais, ou seja, são parte de nossas vivências e da forma de conhecermos e nos relacionarmos com o mundo a cada dia e, por conseguinte devem ser tematizados, problematizados e vivenciados. São patrimônios do currículo da Educação Física, fazem parte da cultura corporal, que é do que se ocupa os estudos da Educação Física na perspectiva aqui defendida. Essa experiência foi construída por meio da inter-relação de diversas ações: observação da turma e das aulas das professoras regentes; a segunda ação foi o mapeamento, a fim de identificar os jogos e brincadeiras mais apreciadas e pertencentes ao universo cultural dos alunos e; a terceira ação foi a vivência dos jogos e brincadeiras mapeadas, incluindo aí os jogos e brincadeiras propostos pelas estagiárias e que pudessem contribuir para a melhora das capacidades cognitivas, sociais e psicomotoras. Estas ações foram orientadas pela perspectiva cultural do currículo da Educação Física, proposta por Neira e Nunes (2008; 2009), cujo pressuposto básico é a recorrência à política da diferença através da valorização das vozes dos grupos que quase sempre são silenciados e não tem suas produções culturais tematizadas e representadas no currículo. Pode-se concluir, ao final do trabalho, que o estágio representou espaço/tempo, pois contribuiu para a construção da identidade docente, a partir da vivência com o cotidiano da prática docente, constituindo uma base para formação profissional e pessoal, na medida em que se adotaram posturas investigativas que envolvem a reflexão e intervenção na dinâmica da instituição, dos professores e alunos, sujeitos os quais acreditamos terem sido os principais atores do processo.

Palavras-chave: APAE. Formação docente. Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

O estágio curricular constitui-se como uma etapa importante da formação docente do licenciando na medida em que proporciona ao aluno a oportunidade de validar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades (OLIVEIRA; CUNHA, 2006).

Nesse contexto, o presente trabalho trata-se de um relato dos resultados adquiridos durante a realização do estágio curricular supervisionado do curso de licenciatura em

¹ Graduanda em Educação Física, Universidade do Estado da Bahia/DEDCXII, rildamati09@hotmail.com.

² Graduanda em Educação Física, Universidade do Estado da Bahia/DEDCXII, andreiamb.ef@hotmail.com.

³ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília-DF, Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia/DEDCXII, luizhrsouza21@yahoo.com.br.

Educação Física da Universidade do Estado da Bahia.

As intervenções aconteceram no segundo semestre de 2014 na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do município de Guanambi-Ba com alunos de idades, características e potencialidades além de dificuldades cognitivas e psicomotoras e sociais diferentes. As atividades realizadas se justificaram pela necessidade de contribuição para a melhora da qualidade de vida, principalmente no que diz respeito aos aspectos sociais e cognitivos. Nesta perspectiva, nossa proposta de intervenção para a APAE foi a temática dos jogos e brincadeiras que se constituem em um importante elemento didático-pedagógico, proporcionando a integração social já que as aulas consistiam em momentos de alegria, descontração e entretenimento.

Diante disso este trabalho tem como objetivo apresentar as experiências adquiridas no contexto do estágio, assim como quaisquer reflexões imperiosas e próprias do processo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A prática pedagógica de que trata este relato se configurou a partir de diferentes momentos interdependentes entre si. No primeiro deles observamos por certo tempo a turma e as aulas das duas professoras regentes, a fim de ter um primeiro contato, perceber as características dos alunos, assim como a instituição, sua estrutura, os espaços que a compreendem e os atores sociais presentes nela.

No segundo momento procuramos identificar as práticas corporais compartilhadas pelos discentes através de conversas informais (diálogo) com as docentes e alunos, durante os intervalos das aulas, nas salas ou mesmo nos espaços que compreendem a instituição. Perguntávamos tanto as docentes quanto aos alunos quais eram as práticas que mais gostavam de realizar na instituição ou onde moravam. Além disso, para realizar um mapeamento dessas manifestações, dispusemos de um vídeo com vários esportes, danças, capoeira, luta, ginástica e diversos tipos de jogos e brincadeiras. Conforme (NEIRA 2011) o mapeamento é entendido como uma ferramenta de coleta de informações relativas à cultura dos envolvidos no processo, ocasião em que o professor adentra a realidade dos discentes para identificar o repertório acessado por eles. Essas ações direcionaram as atividades de ensino para a temática jogos e brincadeiras.

Num momento posterior vivenciamos os jogos e brincadeiras compartilhados pelos alunos e também alguns propostos pelas estagiárias para a melhora das capacidades sociais, cognitivas e psicomotoras.

Os alunos para os quais desenvolvemos as atividades trata-se de um público heterogêneo de crianças, adolescentes e adultos femininos e masculinos, com faixa etária entre 08 a 40 anos de idade. Esses participantes possuem algumas deficiências como: intelectual, dificuldades de coordenação motora, alunos que necessitam de atendimento psicológico, fisioterapia, fonoaudiologia, assistência social entre outras.

As aulas não seguiam uma sequência didática preestabelecida, entretanto propúnhamos os seguintes momentos: primeiro retomávamos a aula anterior, em seguida realizávamos as atividades propostas, voltadas para o trabalho do raciocínio lógico, habilidades manuais, respeito às diferenças, cooperação, interação entre outros. E por fim uma roda de conversa, sempre que possível realizada no final das aulas, cujo objetivo principal era refletir sobre os acontecimentos da intervenção, as condutas adotadas, o que precisava ou não ser pensado e/ou repensado, proporcionando momentos de avaliação da prática pedagógica.

Durante todo o processo, realizamos registros diários, com o objetivo de coletar dados, registrá-los, discuti-los e contextualizá-los sob a luz do referencial teórico que fundamentou as intervenções.

RESULTADOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Durante o período que compreendeu a realização do estágio, buscamos seguir os pressupostos da base teórica que fundamentou as nossas ações (Perspectiva cultural do currículo da Educação Física de Neira e Nunes 2008; 2009), colocando os alunos da APAE e suas realidades como ponto de partida.

No primeiro momento da prática pedagógica que compreendeu o período de observação e abrangeu duas semanas, percebemos que os alunos eram carinhosos, atenciosos e muito carentes, visto que quando se deparam com pessoas novas no espaço, eles se aproximam e se apegam muito facilmente. Os alunos têm idades muito diferentes, deficiências diferentes, tratando-se de um grupo heterogêneo, o que nos deixou um tanto surpresas em relação à visão que tínhamos do espaço, além de ter dificultado as explicações e condução das atividades.

Percebemos durante este período, que os alunos ficam um tanto quanto entediados durante as aulas das duas professoras, independente de gostarem ou não das atividades, fato que se repetiu por diversas vezes durante nossas aulas, nas quais os alunos reclamavam caso levássemos atividades manuais e/ou atividades que requeriam mais movimentos.

O segundo momento, a fim de identificar as práticas corporais pertencentes ao universo cultural dos alunos tivemos algumas conversas com professoras e alunos. Num momento posterior realizamos um mapeamento para identificar os jogos e brincadeiras mais apreciadas pelos alunos, através de um vídeo com os diversos elementos da cultura corporal e com os mais variados tipos de jogos e brincadeiras.

Pedimos para que os alunos desenhassem os jogos e brincadeiras que mais gostavam e brincavam. Ao analisar os desenhos, percebemos que alguns eram formas e rabiscos indefinidos, mas denominados pelos autores dos desenhos como brincadeiras.

O terceiro momento foi marcado pela vivência dos jogos e brincadeiras que fazem parte do universo vivencial e cultural dos alunos. Além disso, incluímos também jogos e brincadeiras que pudessem contribuir para a melhora das capacidades cognitivas, sociais e psicomotoras, como por exemplo, o jogo dos sete erros e o quebra-cabeças.

Nossas aulas não seguiam uma sequência didática preestabelecida, dependíamos de muitos fatores como a adesão dos alunos às metodologias adotadas, além dos imprevistos que sempre aconteciam. Planejavamos nossas aulas para que as atividades manuais e cognitivas acontecessem primeiro e depois os jogos e brincadeiras que exigiam mais movimentos se concretizassem num segundo momento, mas nem sempre acontecia assim.

Iniciamos com atividades de recorte e colagem, a fim de proporcionar aos alunos a realização de atividades manuais que pudessem contribuir mesmo que em menor grau para o desenvolvimento da motricidade fina e grossa, já que observamos em diversos momentos que alguns alunos mal sabiam segurar num lápis e/ou tesoura. Os alunos deveriam colorir um desenho que se referia a brincadeira pular corda, através de recorte e colagem de papéis coloridos de revistas. Durante esta atividade, percebemos que os alunos demoravam muito tempo para amassar e colar os papéis destinados a colorir o desenho. Além disso, pedimos para que apresentassem os desenhos para a turma falando as cores e qual parte do desenho tinham pintado, alguns alunos o fizeram sem hesitar, outros se recusaram a apresentar seus desenhos sem nenhuma justificativa.

Nestes momentos percebemos e apreciamos que as professoras incentivam muito os alunos, os deixando cientes que possuem capacidades e que estas devem utilizadas. Realizamos também a brincadeira do bambolê, na qual os alunos ficavam dispostos em roda de mãos dadas, sendo que um bambolê ficava com um participante e o outro bambolê com outro participante da extremidade. Assim, os alunos deveriam encontrar uma forma de passar o instrumento adiante pelo seu corpo, fazendo-o chegar ao colega e assim sucessivamente. A

regra consistia em não deixar que um bambolê “encontrasse” o outro, por isso eles deveriam ser passados em direções opostas.

Durante esta brincadeira, pode-se perceber que determinados alunos tinham dificuldades em se contorcer para passar o bambolê adiante, visto que alguns têm deficiências motoras e físicas, que dificultam determinados movimentos, entretanto mesmo com a emoção do jogo, os alunos ajudavam uns aos outros, muitas vezes desrespeitando a regra e facilitando demais a passagem do bambolê. Neste momento, assim como em outros, os alunos são solidários uns com outros e se ajudam mutuamente.

Vivenciamos também o quebra-cabeça e uma espécie de jogo da memória, que consistia em reunir a maior quantidade de pares de animais que ficavam com os desenhos virados para baixo de forma que os participantes não podiam ver esses desenhos. À medida que fossem virando as peças, duas de cada vez, podiam ou não ganhar, e assim deveriam jogar até que não restasse mais nenhuma peça. Dividimos a turma em grupos de três ou quatro integrantes, os grupos que ficaram com o jogo da memória não tiveram tanta dificuldade de aprender as regras do jogo, ao contrário daqueles que ficaram com os quebra-cabeças, que demoraram um pouco mais para tentar encaixar as peças e às vezes o fazia com peças bem diferentes das que completavam a imagem.

Outra atividade muito apreciada pelos alunos foi a montagem de uma paisagem. Nesta atividade eles deveriam observar uma figura que continha uma paisagem e posteriormente reproduzi-la fielmente com os elementos que a compunham. No começo alguns alunos demonstraram dificuldades para realizar a atividade, entretanto quando a repetimos observamos uma progressão e empenho, pois quando mostrávamos a paisagem, eles prestavam atenção nos detalhes e tentavam colocar os elementos nos seus devidos lugares.

A cabra-cega foi outra brincadeira muito querida pelos alunos. Nessa brincadeira adaptada, em grupos os discentes deveriam se organizar e escolher um integrante da equipe para ser vendado e guiado pelos comandos dos colegas, com exceção do toque, até o quadronegro, no qual deveriam desenhar o rabo do gato. Alguns alunos não compreendiam a orientação direita-esquerda. Durante esta vivência pode-se notar que os alunos demonstram solidariedade para com o colega que está sendo guiado, além de ficarem muito agitados, gritando e sorrindo alto. Foi um momento muito divertido e descontraído.

Ao longo do processo, algumas atividades atenderam aos objetivos propostos outras nem tanto, como foi o caso da peteca e do futebol, jogos nos quais se exige determinado número de participantes e um espaço para que a prática se concretize. Entretanto, quando realizávamos atividades na quadra, percebíamos que os alunos se dispersavam muito, além da

exclusão evidenciada durante a vivência do futebol, na qual alguns alunos que gostavam da prática e que tinham mais habilidades com ela não permitiam que aqueles que nada ou pouco tinham habilidade, participassem.

Esse fato nos revela que o reconhecimento das diferenças e respeito a elas é um longo caminho a ser traçado, pois as representações que os alunos possuem são frutos de suas relações numa cadeia de significantes, que definem o que é certo ou errado, bonito ou feio, binários em que o primeiro termo constitui-se como a identidade e o segundo a diferença. Neira et al (2014, p. 65) afirmam que:

A partir das referências socialmente construídas que cada indivíduo possui, ele aceita ou rejeita os códigos presentes nas manifestações culturais. O preconceito estaria dessa forma atrelado a essa produção social e discursiva da diferença.

Ou seja, a “construção simbólica baseada nas diferenças explica as representações positivas ou negativas elaboradas a respeito de qualquer pessoa, grupo social ou sobre suas formas de brincar, dançar, vestir-se, falar etc.” (NEIRA; NUNES, s/d). Construimos nossas representações a partir dos discursos, e dessa forma naturalizamos a diferença de tal forma que sua origem enquanto produto da cultura, do poder e da história acaba por ficar mascarado.

Ainda que as dificuldades se fizessem presentes, o estágio na APAE foi significativo, na medida em que estabelecemos um contato com pessoas de diferentes deficiências e comportamentos, mas também de amizade e afetividade ímpar, o que contribuiu para o andamento das atividades, pois conforme Silva (2003, p. 24)

[...] a afetividade aproxima alunos e professor, constrói amizades, recupera autoestima, proporciona segurança e estimula uma aprendizagem com prazer, enfim, melhora o relacionamento entre pares e a qualidade de vida dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES

Durante todo o processo, tentamos dar conta da espiral contínua de ação-reflexão-ação, a fim de contribuir para a compreensão da ação educativa, os impasses inerentes a ela e as posturas a serem adotadas. Ao longo do período que compreendeu o estágio pode-se perceber que as atividades realizadas contribuíram para os alunos, na medida em que durante as atividades adotavam posturas de coletividade e trabalho em equipe, apesar de alguns impasses como a exclusão de alguns alunos de determinadas atividades e a não aceitação de algumas destas.

Pode-se perceber também certo progresso no que diz respeito aos aspectos sociais e

cognitivos, pois alguns alunos no começo das intervenções se mostravam mais retraídos e tímidos e com dificuldades de aprendizagem, e depois das intervenções muitos deles estabeleciam laços e relações com maior facilidade e com menos dificuldades de aprendizagem, principalmente no que concerne à escrita.

O estágio representou espaço-tempo de aprendizagem, tanto no que diz respeito à dimensão formativa das ações, quanto no que concerne aos laços de amizade e confiança estabelecido.

As contribuições para nós estagiárias refere-se ao contato com pessoas de diferentes níveis de aprendizagem e deficiências e características singulares, que apesar de se constituírem desafios para a prática e resolução de situações problema, foram importantes ao suscitarem a reflexão acerca das diferenças e do respeito a elas.

Por tudo isso, este estágio foi significativo, uma vez que se desenvolveram relações recíprocas de afetividade e companheirismo, além disso, por ter tido contato com um espaço de atuação com características próprias e diferentes das demais, contribuiu expressivamente para nossa identidade docente, a partir da vivência com o cotidiano da prática docente, constituindo uma base para formação profissional e principalmente pessoal, na medida em que se adotaram posturas investigativas que envolvem a reflexão e intervenção na dinâmica da instituição, dos professores, da sociedade e dos alunos, sujeitos os quais acreditamos terem sido os principais atores do processo.

REFERÊNCIAS

NEIRA et al **Educação física e culturas: ensaios sobre a prática**. São Paulo: FEUSP, vol. II, 2014.

_____. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.

_____; NUNES. M. L. F. **Linguagem e cultura: subsídios para uma reflexão sobre a educação do corpo**. s/d.

OLIVEIRA, E. S. G.; CUNHA, V. L. O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. **Revista de Educación a Distancia**. Ano V, n. 14, 2006.

SILVA, J. J. **A importância da afetividade na educação especial**. Confederação Das **Apaes**. Associação Pais Amigos Excepcionais de Presidente Prudente. Monografia de Especialização. Presidente Prudente-SP. 2003.